

POESIA DESCALÇA

Não basta apenas soerguer os fracos; devemos ampará-los depois. SHAKESPEARE

Nº 116 - Ano 16 - Recife/fev/mar 2015 - Distribuição gratuita.

BRILHO

A Cruz e Sousa

Formas poéticas superiores, altivas,
Espalhadas nos espaços supremos: espirituais,
Geométricos raros, irrequietos das musas,
Onde as letras dos alfabetos não alcançam
E esperam nas cabeças dos que florescem
Sentimentos elevados

Formas místicas, libertárias, estupendas,
Fecundadas na quintessência das almas sonhadoras,
Consagradas bem próximas do Divino,
Onde os cegos de despeito e os melancolicamente
Subterrâneos jamais verão sua Luz,
Pois cultivam psicologias dentro de cavernas

Exponham ao poeta isolado, em conflito com seu meio,
A amplidão da clarividência e outras formas de
luminosidade,
Para que ele possa cantar o melhor dos sonhos,
O tema dos justos, o verso admirável,
Tudo para bem transformar o ambiente em que vive,
Do bairro mais pobre ao centro da metrópole

Formas poéticas puras, singulares no Eterno,
Para além das sombras, das nuvens, das névoas,
Na inquietude do Cosmos,
Quando ouvirei vossas Vozes?

JOCA DE OLIVEIRA
(ianomangue@elogica.com.br)

Foi pago para matar
Numa segunda-feira pela manhã
300 reais
Era fácil
O cara tava sempre no mesmo canto
Tomando cerveja
Saindo ou não o sil
Só não contava que nesse dia
Ele estaria com um terço na mão
Não se mata um homem com um
terço na mão
Fingiu ligar do orelhão
Comprou uma carteira de Derby
azul
Assim como a cor do dia
E devolveu os trezentos reais

MIRÓ
(JC – Novembro/2014)

TRANSPIRAÇÃO

A sede de criar
Faz-se pássaro,
Motiva a canção.

À espreita da fonte
A alma calma voa
Para o seu íntimo.

LUIZ CARLOS DIAS

FRUTOS DE ARRIBAÇÃO (trecho de Alicates e Verrugas)

Para Jorge Lopes

O poeta é um andarilho, caçador de brisas e devaneios; mesmo que não saia de casa, ele dá longos passeios. E atira sonhos aos pedestres, guardando a humanidade no bisaco do peito (que sabe o escudo do guerreiro que protege deste jeito?).

O lugar de segredo do poeta é o próprio verso aberto; ele sofre em voz alta como um jumento gasguito (mugem múmias de versos que imolei); é um pobre esquisito que tem de padecer com estilo, soluçar, se lascar, morrer bonito! E se a dor não dá cabo, se a dor não dói como deve, o poeta escreve, perverso, o verso que diz do cheiro que o seu nariz capta. E se a dor apodrece, o poeta não esquece de louvar a decomposição e a estética da lepra!

Mas quem precisa de poesia como de pão? A gente caça o nome da coisa e tenta o livro informando vida. Folhas verdes esvoaçantes... Todo livro é uma compressão. Há voos comprimidos? A coisa não é a frase. A frase se acaba no ponto final. (Mesmo que o suspiro continue até.) O mundo não. O mundo é alicates e verrugas. Afinal todo poema é de papel. (...)

O poeta não pode ser prudente apenas para angariar a idolatria dos fúteis. E assim ele vocifera contra o que fere a aquarela das suas costelas poéticas, coivara que espera o fogo da imolação! Ninguém não pode evitar o grito de quem anda com os nervos à flor da mão!

WILSON VIEIRA
(jose.wilson59@uol.com.br)

ALMADA

As pedras se erguem:
São pássaros, cometas,
São dias, poetas.

As palavras ardem.

JORGE LOPES

FEBO

Não reprimir o viés clássico,
Se ele vier.
Burilar pedras herméticas,
Perfeccionista
Artesanato de palavras
(estranhá-las, repisá-las).

LARA

INSONE, PRA ALBERTO

A amiga mostrou o sofá
E sobre ele
Travesseiro lençóis
Perfumados de carinho
E prontos
Pra noite de sono
Quiçá de sonhos
Bons

Mas da estante
O poeta
(E sua oração pelo poema)
Me fez sorrir
Aos pássaros da alvorada
Entoando carpe diem SAMUCA SANTOS



O LUCRO GOVERNA O MUNDO

CANTO DE AMOR E LAMA II

Em minha vida passa um rio
E se erige uma cidade
Podres as águas deste rio
Sob o tom cinza da cidade

Mangue aterrado
Esgoto a céu aberto
Em mim há lama
E há lama em mim.

ERICKSON LUNA

O mais importante neste mundo não é onde estamos, mas em que direção estamos nos movendo. (HOLMES)

ACOSSADOS

Quando um sério negociante
Dobra a esquina de nossa rua,
Eu te solto apressadamente,
Como se a ele pertencesse.

Cai sobre nós, quando te encontro,
Uma chuva proposital,
Que me expulsa dos teus cabelos
Para um subúrbio bem distante.

E quando não chove, uns meninos
Surtem gritando na calçada.
A noite se enche de crianças
E gritam todas contra nós.

Não saem nunca das janelas
Os nossos velhos inimigos,
Que nos olham imaginando
Como seriam nossas lágrimas.

Estão a postos, esperando
Há longo tempo, e ao menor gesto
Que fizermos, um para o outro,
Saberão como provocá-las.

ALBERTO DA CUNHA MELO
(Poemas Anteriores)

Acho a conversão uma coisa difícil, profunda,
dolorosa. Atualmente, pessoas mudam de
Partido, de Religião, até de Paixão, como quem
muda de camisa. Eu não entendo porque para
mim é tão complicado formar uma convicção.

BALAU

REVOLUÇÃO José Terra

Expressarei o sangue
Na tez da primavera

Se o homem não amar a mulher
E a mulher não amar o homem

Direi: sou inverno e terno

MILITARES

Adriano vinha do jornal onde trabalhava, para pegar o carro que estava no estacionamento da livraria de um amigo. Eram dez da noite e a chuva caía forte. Sob a marquise iluminada das Lojas Americanas ele viu a cena. Um menino de rua, de seus oito anos, raquítico, usando apenas um calção imundo, chorava desesperadamente. Ao seu lado, ajoelhado, um enorme soldado da polícia falava com ele.

Fingindo escapar da chuva, Adriano parou sob a marquise para escutar a conversa. O menino estava com medo de ir para casa porque mendigara o dia todo e não tinha conseguido nada. Quando chegasse em casa os pais iriam surrá-lo. O soldado tentava convencê-lo de que não, eles compreenderiam. O menino negava com veemência e chorava cada vez mais alto e convulsivamente. Com paciência e ternura o soldado voltava a insistir, imenso, “forte como um touro”, debruçado sobre o garotinho encolhido. O primeiro contato de Adriano com a violência tinha sido aos oito anos. Estava na Praça da República, em Belém do Pará, esguichando água para o ar com uma bisnaga de plástico. Era carnaval. De repente, um araque da polícia tomou-lhe a bisnaga das mãos e rasgou-a com uma gilete. Ela ficou jogada no chão, aos pés de Adriano, inútil, aberta, sangrando. Uma mistura suja de vergonha, espanto e frustração, maior que todo o carnaval e a praça em volta, encheu seu coração comprimido.

O episódio, entretanto, não foi suficiente para indispor Adriano com os militares. Adorava as paradas de Sete de Setembro. Tinha em casa infinitos exércitos de brinquedos, entre os quais promovia escaramuças e batalhas formidáveis. Não perdia filmes de guerra.

Foi depois, com o golpe de 64 – e os espancamentos, prisões, tortura e desaparecimento de pessoas queridas – que passou a odiar toda e qualquer coisa que usasse farda.

Mas naquela noite, ao ver o soldado e o menino, começou a achar, outra vez, que podia haver um ser humano dentro de uma farda.

MARCO POLO GUIMARÃES

SINFONIA DE MÃOS

Corpos imersos no escuro
Surtem da ribalta
Mãos fluorescentes

Sons sem emissão
Invadindo o ambiente:
Um coral de surdos-mudos.

Por que não música
Através de sinais?

Mão de sol, mão de lá,
Mãos de fás.

Olhos sustentados
Divagando no espaço.

Pausa para acreditar
Na regência e nos regidos:
Por terra a lógica do impossível.

Aplauso intenso:
Um uníssono ensurdecedor
Silêncio.

CHICÃO

FORA DA AGENDA

Corremos atrás
De algum amigo
Até (ele no Poder)
Até que ele não puder
Mais nos suportar
Dentro da agenda
E na sala de espera
E mandar dizer
Pela voz de praxe
Da secretária
Que voltemos
Na segunda-feira
Que vem

ARNALDO TOBIAS

HOMOFOBIA INCERTA

Meu filho beijou minha face
Me abraçou no metrô

Todos ao redor
Ficaram chocados

Olharam para baixo
Para cima, para fora
Alguns olharam para mim

Não suportaram
Meu olhar no olho
Questionador

Foi necessário
Verbalizar meu bom dia
Reativar meu senso crítico
Impaciente, indagador

Rastreamos olhares perplexos
Gritando nas entrelinhas

Que absurdo
Pai e Filho trocando carinho
Em público

Que péssimo exemplo
Para essa sociedade
Ressecada no sal da indiferença
Isolada nos preconceitos

Pai e Filho cruéis,
Deveriam ser punidos,
Afastados e isolados
Até secarem, TAMBÉM!

TONY BORBA DE MELO
(Poesia, Eu?)

Nada mais sórdido do que um cúmplice.
MARGUERITE YOURCENAR

IGNIÇÃO CEREBRAL

No meio da feira
Badaladas de sinos

Magros meninos
Gritam, sem nomes

Abro a geladeira
E voam urubus
Passaradas

No balcão colorido
O sonho
Embalado para viagem

MALUNGO
Do livro: DIGITAIS

PRIMEIRO PRÊMIO
DEU PIOLHO
NA CABEÇA
(Sérgio Lima e Silva)